

As propostas de Geografia em alguns autores clássicos: uma análise exploratória

Las propuestas de geografía en algunos autores clásicos: un análisis exploratorio

Proposals of geography in some classic authors: an exploratory analysis

Edson Batista da Silva
Docente da Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Itapuranga
edson_bat_silva@hotmail.com

Resumo

No período contemporâneo as perspectivas teóricas metodológicas possibilita-nos afirmar que temos “geografias.” Mas si analisarmos a geografia tradicional podemos afirmar que havia uma homogeneidade das propostas apresentadas? Nesse sentido este artigo tem por objetivo apresentar as propostas de Geografia em alguns autores clássicos. Além disso, relacionar quais os caminhos estes defendiam para produzi-la. Assim como as divergências e convergências teóricas presentes nestes autores. Para atingir estes propósitos foram realizadas a leitura e interpretação de parte das obras destes geógrafos. As respostas encontradas demonstram que a Geografia já nesse momento se concretizava como “geografias.” Entre elas havia pontos de convergência, assim como de divergências. E estavam atreladas ao espaço/tempo vivido dos autores. Devido a isso, acusá-los de atender ao imperialismo europeu também traz interesses de legitimidade de novas propostas. É preciso prudência para não construir análises que apagam o mérito da produção destes intelectuais, compreendendo-os no seu espaço/tempo.

Palavras-chave: Geografia clássica; pensamento geográfico; autores clássicos; Geografias.

Resumen

En la época contemporánea las perspectivas teóricas metodológicas nos permiten decir que tenemos “geografías.” Pero si analizamos la geografía tradicional se puede decir que había una homogeneidad de propuestas? En este sentido, este artículo tiene como objetivo presentar las propuestas de la Geografía en algunos autores clásicos. Asimismo, relacionar con cuáles son los caminos defendieron para producirlo. Así como de las divergencias y convergencias teóricas presentes en estos autores. Para lograr estos propósitos se realizaron lectura e interpretación de las obras de estos geógrafos. Las respuestas muestran de que la geografía desde ese momento se hizo realidad como “geografías”. Entre ellos se encontraban puntos de convergencia, así

como las diferencias. Y ellas estaban relacionados con el espacio / tiempo vivido de los autores. Debido a esto, acusarlos para cumplir con el imperialismo europeo también tiene intereses de legitimidad de las nuevas propuestas. Tenemos que precaución no construir fuera que analiza los méritos de la producción de estos intelectuales, comprenderlos en su espacio / tiempo. Hay que ser prudente a no construir análisis que erase los méritos de la producción de estos intelectuales, entendiéndolos en su espacio / tiempo.

Palabras clave: Geografía clásica; pensamiento geográfico; los autores clásicos; Geografías.

Abstract

In the contemporary period the theoretical perspectives methodological allows us to say that we have “geographies.” But if we analyze the traditional geography we can say that there was homogeneity of the proposals submitted? In this sense this article aims to present the proposals of geography in some classic authors. Also, what paths they relate defending to produce it. Just as the divergences and convergences in these authors gifts theoretical. To achieve these purposes were accomplished reading and interpretation of the works of geographers. The answers found demonstrate that the geography at that moment already came true as “geographies.” Among those baptized was convergence points as well as of the divergences. They were linked the space/time lived of the authors. Because of this, some of them accuse them of attending the interests European imperialism also brings legitimacy of new proposals. We must prudent not to build erase that reviews the merits of the production of these intellectuals, comprising them in your space/time.

Keywords: Classical geography; geographic thought; classical authors; Geographies.

Introdução

A geografia como saber existe desde os primeiros grupos humanos. Percorrer os lugares a procura de alimento já implicava o conhecimento prático do espaço. No entanto, como ciência esta é uma disciplina jovem. Mas a contenda que envolve o que seria Geografia já produziu um extenso debate. Na contemporaneidade segundo Gomes (2009) esse debate permanece, e os autores clássicos agora são retomados pelos contemporâneos para afirmar a legitimidade de suas propostas. Com isso, ciente da importância da discussão, pretende-se neste artigo proceder a uma análise das diferentes perspectivas de Geografia apresentada por alguns autores clássicos.

As questões fundamentais propostas são: entender se nesse momento já havia “geografias”, ou seja, diferenças nas perspectivas teóricas metodológicas dos

autores analisados? E quais as possíveis convergências e divergências entre as propostas desses autores. Até que ponto seria equivocados acusar alguns de construtores de uma Geografia a favor dos estados nacionais? E quais os elementos presentes em suas propostas são ainda válidos no período atual? Entende-se que um debate profundo exigiria páginas para além de um artigo, portanto, a análise será exploratória. A seleção dos autores teve como critério a representatividade deles na geografia clássica, com seus consequentes desdobramentos. Assim será apresentado nos próximos tópicos um pouco das ideias de Ratzel, La Blache, Reclus, e Pierre George.

A proposta de Geografia de Ratzel

Para George (1978) a Geografia é uma ciência sensível à conjuntura, se desenvolveu vinculada aos interesses dos Estados nacionais. Moraes (2003) corrobora com essa assertiva, ao mencionar que alguns autores clássicos elaboraram conhecimentos a favor dos projetos imperialistas. Isso aparece também em Megale & Fernandes (1984), ao afirmar que Ratzel era um intelectual conservador, solidário às necessidades do estado da Prússia. Esses geógrafos clássicos entre eles Ratzel, não estavam isentos, muitas de suas teorias justificaram interesses expansionistas. Entretanto, ao se prender a uma concepção estritamente política, desconsideraram-se as suas contribuições para a Geografia.

No que se refere à Ratzel, este é filho de um tempo. Sua ambiência intelectual tinha forte peso das ciências naturais, em específico da teoria de Charles Darwin. Além disso, havia o contexto político da Alemanha, em luta contra a França pelos territórios da Alsácia e Lorena. Associado a isto toda a Europa vivia a corrida imperialista. Portanto, é compreensível que ele se envolvesse com a questão nacional. Sendo assim, Megale & Fernandes (1984) não estão equivocados. Porém, Ratzel apresenta uma proposta de Geografia, que se inicia no seu posicionamento no debate científico a respeito das influências da natureza sobre o homem. “A questão da influencia que a natureza exerce sobre as condições físicas e intelectuais dos homens [...] ainda hoje sua abordagem é feita de modo totalmente superficial [...]” (RATZEL, 1914, p. 54). Nesse sentido ele se preocupa em defini-las.

1º Uma influencia que se exerce sobre os indivíduos e produz nestes uma modificação profunda e duradoura [...] e é por sua natureza fisiológica e psicológica; e só mais tarde passa assim ao âmbito da história e da geografia.

2º Uma influência que direciona obstaculariza a expansão das massas étnicas [...]. 3º Uma influencia mediata sobre a essência íntima de cada povo que se exerce impondo condições geográficas que favorecem o seu isolamento [...], ou facilitando a miscigenação. 4º Finalmente uma influencia sobre a constituição social de cada povo que se exerce ao oferecer-lhe maior ou menor riqueza de dotes naturais [...]. (RATZEL, 1914, p.59-60).

A natureza agiria no pensamento e na fisionomia dos homens, não determinava qual seria o tempo para que as mudanças individuais se estabelecessem a todo grupo. Contudo, esse processo de influencias da natureza sobre os grupos humanos os levaria a expansão ou ao isolamento. Sendo que a quantidade de recursos oferecidos pela natureza poderiam gerar progresso ou estagnação. Portanto, na sua proposta de Geografia a análise deveria partir da natureza para assim entender os grupos humanos. Propõe assim como objeto a relação homem/meio, estruturando nisso a unidade da Geografia. Como categorias utilizadas, comparece em seus textos a de território.

Que o território seja necessário à existência do estado é coisa óbvia. Exatamente porque não é possível conceber estado sem território e sem fronteiras [...] o estado mais simples sem seu território, assim também a sociedade mais simples só pode ser concebida junto com o território que lhe pertence. O fato de estes dois organismos estarem ligados ao seu solo é a consequência natural da ligação evidente que une a criatura humana a terra. (RATZEL, 1914, p. 73).

Há no trecho o caráter ontológico do território, ele aparece como espaço concreto e como território nacional. A ligação da sociedade com o Estado é visto como natural. Não é produto de discursos estratégicos de identidade nacional, que defendem a sua criação para proteger a nação. Não menciona, portanto, os conflitos internos pela propriedade do solo e muito menos dos grupos unidos para superar uma forma de Estado, ou como forma de representação política. Nas reflexões atuais a ideia ontológica ainda está presente. Em muitos estudos elementos trazidos pelo autor ainda são utilizados, tais como: posição, configuração territorial, expansão, extensão e circulação.

Entretanto, essa concepção apresenta seus limites. Porque o Estado não é o único poder sobre o espaço. Assim, para tentar dar conta da realidade autores como Raffestin (1993) propõem que o território se forma a partir das relações de poder entre atores, sendo eles sintagmáticos, (aqueles que realizam um programa), e paradigmáticos, (que sofrem a ação de um programa). Para esse autor os atores não são estáticos, podem se transformar de atores paradigmáticos em sintagmáticos.

Souza (2007) já apresenta o território como um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder. Ou seja, existe uma multiplicidade de atores no espaço que estabelecem um campo de forças. Esta é uma visão que se aproxima mais da dialética, já que apresenta como proposta captar o movimento de permanência/mudança de domínio do espaço pelos grupos humanos em conflito. Ou seja, prende mais as relações em si e o espaço concreto vira apenas substrato. Em continuidade a discussão da obra de Ratzel, no que se refere ao espaço, este aparece nos seguintes termos em sua obra.

Quando a população atinge densidade considerável o território consegue prover apenas as necessidades de uma pequena parte desta, enquanto a maior parte deve recorrer, para obter alimento ou vestuário, a territórios estrangeiros [...] expansão política ou semipolítica que se obtêm através de colônias, leis alfandegárias, tratados de comercio visa frequentemente este objetivo. (RATZEL, 1914, p. 79).

Na definição nota-se a forte relação do conceito de espaço vital com as ideias malthusianas e naturalistas, pois parte das necessidades da população e as relaciona com o tamanho do espaço. A concepção de espaço vital é frágil, pois as necessidades de um grupo pertencem muito mais ao campo subjetivo do que objetivo. Justifica, portanto, neste ponto os interesses expansionistas do Estado alemão, principalmente ao sugerir como solução para o problema a conquista de colônias. Há no conceito um caráter geopolítico, que não serve a mera abstração, mas a prática imperialista.

Na realização da pesquisa, Ratzel (1914) aponta que a obtenção dos resultados seria possível a partir da indução, utilizando procedimentos como: classificação, observação, descrição, comparação de territórios, localização e síntese. Traz também a preocupação com as leis gerais não matemáticas, as regularidades, sendo a antropogeografia vinculada aos atributos humanos e a geografia física apenas uma base para os estudos. Na sua proposta metodológica notam-se fortes vínculos com o positivismo e o romantismo. Quanto ao último, Vitte (2007) afirma que na Alemanha havia uma base filosófica que envolvia a *Naturphilosophie* de Schelling. Humboldt foi influenciado por esta base. A geografia para este autor seria a possibilidade de dar uma visão estética da natureza. Ratzel também foi influenciado por estas ideias românticas na Alemanha.

Há em Ratzel aspectos contraditórios, como por exemplo, quando advoga o papel dos atributos humanos. Contudo, sua análise se concentra mais no meio natural. Além desse aspecto Gomes (2009, p.21) realiza críticas à concepção indutiva descritiva presente em Ratzel: “[...] dentro dessa linha de raciocínio de uma ciência exclusivamente indutiva, tampouco poderia encontrar justificativa para se manter a geografia como uma mera coleção de observações empíricas, sem discussões teóricas explicativas.” Entende-se como pertinentes tais observações, isso porque como uma ciência pode se fazer sem elementos teóricos que fundamentam o olhar do pesquisador? Como observar o espaço, se não se define o que é o mesmo enquanto conceito *a priori*?

A concepção de Ratzel foi rotulada de determinista, dentre as razões estavam as necessidades dos historiadores de afirmarem seu espaço na França. Assim, segundo Dosse (1994) Lucien Febvre entendeu que poderia aproveitar o êxito das monografias regionais na história. Com isso, defende Vidal de La Blache da escola alemã de Geografia e cria os termos “determinismo” e “possibilismo.” Na Geografia, a partir disso, se passou a ocorrer uma negação das influências naturais nas características dos homens. Houve uma confusão entre o conhecimento científico e o uso político que se fez dele. O problema não está nas influências naturais, elas existem. A questão é quais instrumentos conceituais que se tem para delimitar seu nível de incidência. A acusação de determinismo à Geografia Alemã convergiu para a elaboração das propostas da Geografia Francesa, tendo como principal articulador Vidal de La Blache. Assim, em continuidade ao debate clássico, no próximo item a análise se deterá nas ideias deste autor.

A perspectiva de Geografia como ciência dos lugares em Vidal de La Blache

O debate entre a Geografia Alemã e Francesa não se inicia com Lucien Febvre, ela já ocorria com Vidal de La Blache. Esse autor defendia, como Ratzel, que o estudo geográfico deveria envolver toda a superfície da terra e o objeto dela seria a relação homem/meio, contudo, apresenta a seguinte proposta: “A geografia é a ciência dos lugares e não dos homens; ela se interessa pelos acontecimentos da história à medida que acentuam e esclarecem, nas regiões onde eles se produzem as propriedades, as virtualidades que sem eles permaneceriam latentes” (LA BLACHE, 1913, p. 47).

Mesmo ao mencionar que cabia ao geógrafo o estudo dos lugares, menciona o homem e suas obras.

É preciso dizer que nesta fisionomia o homem se impõe, direta ou indiretamente, por sua presença, por suas obras ou consequência de suas obras. Ele é um dos agentes poderosos que trabalham para modificar as superfícies. Coloca-se por isso entre os fatores geográficos de primeira ordem. (LA BLACHE, 1913, p. 46).

Entende-se que na obra de La Blache a região assume centralidade. Essa categoria daria conta do objeto, a relação homem/meio e da unidade desta ciência. Cabia ao geógrafo partir dos elementos físicos e culminar nas obras humanas, realizando a síntese regional. Comparavam-se as paisagens, a fim de classificá-las em regiões geográficas. Desta maneira, a Geografia se concentrava na busca do único e a pesquisa centrava-se nas monografias regionais. Isso era possível porque a França ainda era basicamente rural. Contudo, para compreender as obras humanas que caracterizavam uma paisagem La Blache utiliza o conceito de gênero de vida. Este se define como: “O resultado das influências físicas, históricas e sociais presentes na relação do homem com o meio.” (LENCIONI, 2003, p. 103).

Compreende-se que em La Blache não ocorria uma negação da influência do meio sobre o homem, apenas direcionava a atenção para o caráter histórico dessa relação. Assim, a vivência por longos períodos nos lugares levariam os grupos a construir determinadas técnicas, conhecimentos, saberes que seriam repassadas de geração em geração. Isso permitiria construir uma paisagem, cabendo ao geógrafo descrevê-la. O homem apareceria ainda como um agente passivo, que reagiria às ações da natureza. Fica claro que esse autor não estava tão distante de Ratzel, apenas se preocupa em partir do polo oposto. Ao contrário das influências da natureza da importância também ao homem e sua capacidade cultural. Sinal do forte vínculo com o historicismo evolucionista sociocultural, tanto que em seus escritos e de seus adeptos é comum o termo “civilização.” Além disso, no que concerne a sua proposição de método, este se relaciona com o positivismo.

A geografia se distingue como ciência essencialmente descritiva. Não seguramente que renuncie a explicação: o estudo das relações dos fenômenos, de seu encadeamento e de sua evolução, são também caminhos que levam a ela. [...] Descrever, definir e classificar, além de deduzir, são operações que logicamente se mantêm [...]. (LA BLACHE, 1913, p. 45-46).

Encontra-se em La Blache pontos convergentes e divergentes em relação à Ratzel. No que se refere aos pontos convergentes, o mais relevante deles é uma Geografia presa às aparências e a concepção de método único das ciências humanas e naturais, além da preocupação com uma geografia indutiva criticada por Gomes (2009). Contudo, mesmo sob o aspecto metodológico, o primeiro se aproxima mais do historicismo evolucionista e o segundo do naturalismo darwinista. Também se pode perceber que a proposta de Geografia de Ratzel parte da natureza, enquanto La Blache centraliza nas obras humanas a partir do gênero de vida, que cria paisagens e permite classificá-las em regiões. Também são divergentes as categorias centrais em suas análises, em Ratzel o espaço, sinônimo de espaço vital, e o território assumem relevância. Enquanto em Vidal de La Blache a região, entendida como região geográfica e a paisagem assumem notoriedade.

Quanto ao contexto político, La Blache igual à Ratzel vivia em uma Europa sobre o desígnio da corrida imperialista. Contudo, havia especificidades políticas da França em relação à Alemanha. A primeira passou por uma revolução que destruiu as bases do feudalismo e culminou no regime republicano. Já a segunda realizou uma transição menos radical para o capitalismo, tinha um regime autoritário e foi um dos últimos países a se formar no referido continente. Mesmo assim, a Geografia surge inicialmente na Alemanha. Segundo Moraes (2003), essa ciência nasce na França em virtude da guerra da Alsácia e Lorena, com a conseqüente derrota para a Alemanha. Com isso, os dirigentes franceses chegam à conclusão de que era preciso conhecer o espaço. Assim, La Blache torna-se o responsável por fundar a Geografia básica e universitária no país. Contudo, suas teorias deveriam se contrapor à Geografia Alemã.

Nesse sentido, Moraes (2003) afirma que La Blache acusa a Geografia produzida por Ratzel de atender aos interesses do Estado alemão, prega assim o conhecimento neutro e desinteressado. Mas, segundo Moreira (2008) aparece em La Blache a concepção de diversos graus de civilização, que poderiam ser medidos pela habitação, vestuário e regime de alimentação. Portanto, nota-se a ideia de missão civilizadora de gêneros de vida “superiores”, o intercâmbio e trocas culturais têm como discurso de fundo justificar a ação do imperialismo europeu. Não obstante, há desdobramentos disso em Sorre, quando justifica o projeto colonialista da França.

Os impérios coloniais representam pulsações elementares de uma corrente única. [...] Essa corrente implantou comunidades brancas por toda a terra, revelou fontes de riqueza em regiões aparentemente desprovidas e, apesar dos excessos e massacres que acompanham toda conquista, fez recuar em definitivo a doença e a morte. Ampliou aos limites do ecúmeno o domínio da civilização europeia. [...] Os desligamentos dos territórios coloniais só se efetua com mágoas, prejuízos para as metrópoles e para a economia. (SORRE, 1961, p. 181).

14

Percebe-se que tanto as teorias de Ratzel quanto de La Blache foram utilizadas para fins geopolíticos. Além disso, a Geografia proposta por ambos se identifica com aquilo que Gomes (2009) critica como ciência de charneira, de síntese, ou indutiva. No entanto é necessário ir além das análises que buscam dar legitimidade a uma determinação escola. Devem-se compreender os autores em seu tempo/espaço, devido o risco de perder a riqueza de suas produções. La Blache, por exemplo, trouxe nova perspectiva ao estudo regional e o conceito de coabitação, mesmo que se reconheça a necessária revisão das categorias gênero de vida e região, devido às transformações da dinâmica social. No entanto, no debate clássico da Geografia havia também geógrafos libertários, esse é o caso de Reclus. No próximo item serão analisadas as propostas dele para a Geografia.

Elisée Reclus e a Geografia Social

A contribuição da geografia clássica vai além dos autores antes analisados. Pois Reclus, com uma trajetória intelectual e pessoal diferente tem sido retomado. Segundo Megale & Fernandes (1984) as influências intelectuais dele vêm de socialistas utópicos, como Proudhon e Fourier e de anarquistas como Bakunin. Além disso, sua origem social em uma família humilde protestante da França, são elementos que associados aos anteriores tiveram importância fundamental em sua obra. Sem dúvida esses fatos e a instabilidade política francesa, associado às ações pró-proletariado, contribuíram para Reclus tornar-se um geógrafo anarquista militante, que rivalizou inclusive com os socialistas Marx e Engels. A concepção de Geografia dele é diferente dos autores anteriores, ao qual ele denomina de geografia social.

A luta de classes, a procura de equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da geografia social e que, no caos das coisas, se mostram bastante constantes para que se possa dar-lhes o nome de leis (RECLUS, 1881, p. 40).

Em sua proposta de Geografia ocorre uma maior atenção com a relação homem-homem, mesmo que não se detenha somente nela. Pois traz a sociedade dividida em classes, por consequência o desequilíbrio da divisão das riquezas e os conflitos que podem resultar na ampliação da dominação ou na sua destruição. Contudo, não acredita na mudança por meio das classes, como os socialistas, que defendiam a ditadura do proletariado, a possibilidade revolucionária para ele seria dada pela evolução individual. Mas também produziu obras que estavam muito mais vinculadas à geografia física, como: “*La Terra*”, que Megale & Fernandes (1984) creditam ser o primeiro tratado de geografia física. Sua obra si difere das de seus contemporâneos também por apresentar um conteúdo crítico, uma perspectiva de negatividade em relação à sociedade tal como estava estruturada.

Todavia é uma atitude apressada defini-lo como dialético, já que em seus textos aparece a preocupação com as regularidades e as leis universais. Associado a isto está à preocupação com a descrição, a observação de toda superfície terrestre, o estudo detalhado de suas partes e o projeto de unidade da Geografia por meio da relação homem/natureza, o qual propõe como sendo seu objeto. Sendo assim, também está atrelado a concepções positivistas e não consegue fugir ao projeto de um único método para todas as ciências. O que há nele são algumas aproximações da dialética, sem escapar ao positivismo historicista evolucionista.

À medida que os povos se desenvolveram em inteligência e liberdade, à medida que compreenderam melhor a ação dessas forças que os arrastam, souberam reagir sobre o mundo exterior, cuja influência haviam recebido passivamente, foram se apropriando gradativamente do solo e, tornados pela força de associação, tornaram-se verdadeiros agentes geológicos, transformaram de várias maneiras a superfície dos continentes (RECLUS, 1881, p. 41).

Reclus debate com a perspectiva geográfica de Ratzel. “É indispensável, sem dúvida, estudar a parte e de forma detalhada a ação especial de cada elemento do meio [...]. Mas é pura força de abstração que se tenta apresentar em separado esse fato particular [...]” (RECLUS, 1881, p. 56). Nesse sentido, entende como La Blache que a influência do meio existe. Mas seria equivocado tentar entender os grupos humanos apenas a partir dessas influencias. Aponta uma insuficiência nessa perspectiva de Geografia, porque coloca as influências do meio como fundamental na definição dos

grupos humanos, desconsiderado a evolução cultural. Portanto, não foge do debate daquele momento entre a Geografia Alemã e Francesa.

Desta forma, este intelectual não escapa a uma concepção evolucionista, historicista da cultura, presente na Geografia Francesa. E conseqüentemente a possíveis justificativas culturais ao colonialismo francês. Em seus textos esta concepção aparece em determinados momentos. “O cruzamento de um povo já muito avançado na ciência e nas artes com elementos de outra procedência e de cultura inferior é, necessariamente, o ponto de partida de um novo impulso progressivo ou regressivo.” (RECLUS, 1881, p. 58). Quanto às categorias importantes em Reclus aparece a de espaço/tempo. Como se nota na citação abaixo. “o próprio desenvolvimento das nações implica essa transformação do meio: o tempo modifica continuamente o espaço.” (RECLUS, 1881, p. 60). A obra de Reclus tem uma preocupação com aquilo que poderia se denominar de geografia histórica, centrada na relação tempo/espaço.

A obra desse autor tem especificidades frente aos intelectuais da Geografia de seu tempo. Mas é atingido pelas influências desse momento, se aproxima de seus contemporâneos, seja no método utilizado, ou no objeto da Geografia. Dessa maneira, o esforço empreendido atualmente para caracterizá-lo como dialético também é parte de determinados projetos de Geografia. A sua importância está, entre outros aspectos, na proposta de geografia social crítica e histórica. Além disso, trouxe novos temas que ainda são atuais, como os problemas urbanos, a colonização e as questões ambientais, dentre outros. Ao contrário de Reclus, nos desdobramentos da geografia clássica existem autores que parecem estar na transição de uma geografia tradicional para uma renovação de suas bases teórico-metodológicas. Esse é o caso de Pierre George. Na sequência desse debate serão analisadas as contribuições desse geógrafo.

A Geografia ativa de Pierre George

George não é contemporâneo dos autores analisados anteriormente. Todavia, é considerado um clássico devido à revisitação constante a sua obra e os elementos pertinentes ainda presentes nela. Sua proposta de Geografia se inicia com críticas a perspectiva especializada utilitarista e a busca de legitimidade na produção geográfica tradicional.

Nesse sentido, segundo George (1980), as relações de casualidade da natureza apresentadas por Humboldt tinha como intuito oferecer ao homem um guia de adaptação. Com isso, George neste momento quer afirmar que os estudos geográficos devem servir as ações dos homens. Evidencia também o lugar de onde fala ao estabelecer críticas à Geografia Alemã, por desprender as relações homem-natureza de fatores históricos, econômicos entre outros e realiza elogios à Geografia Francesa. Segundo este autor essa Geografia seria: [...] “explicativa, estritamente explicativa preservando-se de ser justificadora de uma política, de uma doutrina.” (GEORGE, 1980, p. 11).

Quanto à concepção de Geografia, ela pode ser notada no seguinte trecho. “A distinção parece, doravante, bastante fácil de se fazer, entre as disciplinas de análise geográfica, ou das ciências auxiliares da geografia, e a da geografia sintética ativa, a única geografia.” (GEORGE, 1980, p. 26). George (1980) defende que a única perspectiva geográfica legítima seria aquela que daria conta de todas as relações sobre o espaço, com vistas a oferecer uma síntese e subsídios à ação do homem. Não obstante, para operacionalizar tal proposta apresenta o conceito de situação. “A situação se define antes de tudo pela relatividade das relações entre as ações humanas e o meio.” (GEORGE, 1980, p. 21). No estudo das situações mostra que a preocupação do geógrafo deve ser com o movimento, os processos e não a de oferecer uma imagem estática do mundo, como na geografia tradicional.

Porém, a situação não seria o objeto em si da Geografia e sim o espaço. “O espaço terrestre é objeto de estudo geográfico na medida em que é, sob forma qualquer, um meio de vida ou uma fonte de vida” [...]. (GEORGE, 1980, p. 15). Sua definição de objeto o mantém próximo de Ratzel, La Blache, e Reclus, pois não escapa à definição das relações homem/meio. Assim como preserva o projeto de unidade da Geografia, embora admita a sua divisão metodológica entre geografia física e humana. Na sua análise as categorias que assumem relevância já estavam presentes nos autores aqui analisados, como a paisagem e o espaço. Ele, no entanto, as entende a partir de novas concepções, como o espaço pensado a partir do conceito de situação.

Quanto ao método, George (1978) se preocupa com as questões estatísticas e aponta a necessidade de formação inicial do geógrafo nos cálculos. Embora também critique a matematização. “seria tão arriscado, quanto inútil, invocar este argumento

para exigir que o geógrafo se transforme num matemático [...]” (GEORGE, 1978, p.12). Além disso, menciona que os modelos teriam uma importância apenas indicativa. Portanto, estabelece um debate com as influências do neopositivismo, intenso na Nova Geografia, procurando delimitar os caminhos para a sua utilização pelos geógrafos. Além do mais, defende a importância de disciplinas que auxiliem a entender fotografias aéreas e a cartografia. As análises daquelas, e a elaboração dos mapas, no entanto, não poderiam ser feitas sem visitas a campo. “A fotografia fornece a localização e a dimensão da casa, mas somente uma visita *in loco* permite afirmar que se encontra vazia ou ocupada, e ocupada por quem,” (GEORGE, 1978, p. 29). Desse modo, esse autor também não foge as influências do método positivista, com forte prisão no empirismo.

Evidente que ao propor uma geografia ativa, antagônica à geografia utilitarista, exemplificada por ele pela geopolítica e mencionar a ideia de processos e movimentos tenta ultrapassar uma geografia descritiva indutiva. Carregando um pouco nas tintas, pode-se afirmar que há nele elementos do marxismo. Pois foi própria da corrente radical a preocupação com o uso do conhecimento geográfico para determinados fins ideológicos. Nota-se inclusive em alguns geógrafos marxistas uma concepção um tanto quanto romântica. Pois, não seria unicamente por uma teoria que as transformações não ocorreriam e sim pelo próprio estado das contradições sociais. Ainda para George, três características fundamentais definiam a Geografia.

Apresenta-se ela como uma ciência que mobiliza o conhecimento dos métodos, e dos resultados de um bom número de ciências associadas; pretende ser uma modalidade de expressão de valores que se aplicam de maneira contínua ao conjunto do espaço terrestre; a variabilidade de suas orientações faz com ela surja como uma ciência extremamente sensível a conjuntura [...]. (GEORGE, 1978, p. 7)

Com a adoção desta posição teórica Dosse (1994) afirma que ele foi duramente criticado. Entre os críticos estava Jacques Levy, que o acusava de fazer uma Geografia teoricamente vazia e empirista. Assim, este autor e outros geógrafos buscam na Revista “*Espaço e Tempo*” estabelecer um debate epistemológico, procurando na Filosofia elementos para fundamentar a definição de espaço. No Brasil Gomes (2009) também tece críticas à perspectiva de geografia de síntese, já que: “Todo domínio científico precisa produzir conhecimento, não há como imaginar que uma ciência pode existir sem definir um campo de investigação próprio e, além disso, pretenda ser síntese de todas as demais.” (GOMES, 2009, p. 8). Há pertinência dessas críticas está na

compreensão de que é complexo definir como ciência o que não produz conhecimento e no mínimo é pretensioso ser a síntese de toda produção científica. Isso é apenas um projeto histórico, embora não seja exclusivo de George.

As ideias de George tiveram aceitação no Brasil e continuam de alguma forma presentes nas plataformas de defesa de unidade da Geografia. Moreira (2007) versa que a Geografia teria de estabelecer um diálogo entre a denominada geografia física e humana. No mesmo viés se encontra grande parte da geografia humana que se realizou na Universidade de São Paulo. [...] “torna-se necessário à articulação dos momentos numa totalidade; caso contrário, encaminha-se para a perda da unidade produto de separação extremado.” (CARLOS, 2002, p. 167). Essa influência está na raiz de constituição da geografia brasileira, com contribuições significativas da Geografia Francesa na sua formação. Professores franceses como Pierre George fizeram parte das primeiras cátedras de Geografia no Brasil. Este autor foi importante pela sua posição favorável a uma geografia ativa e os apontamentos relacionados à existência de diferentes escalas para o entendimento do espaço. Assim como, o conceito de situação, os processos, o movimento, a necessidade de revisão das regionalizações e do estudo regional, questões pertinentes à realização das pesquisas em Geografia.

Considerações finais

Dentro do debate aqui proposto, se constatou que os autores clássicos tinham divergências nas propostas de Geografia, portanto ocorriam “geografias.” Havia diferentes perspectivas de onde o geógrafo deveria partir na análise do objeto, centralidade em categorias diferentes, entre outros aspectos. E, apesar da possível convergência metodológica com a proximidade do positivismo, eles construíram caminhos próprios no momento da pesquisa, ora se aproximando do naturalismo, ora do historicismo, evolucionista e sociocultural, assim como da dialética, ou do marxismo. A maior convergência está no projeto de unidade da Geografia e no objeto centrado na relação homem/meio. Realizaram sem dúvida contribuições importantes e defenderam um lugar para esta ciência dentro do conjunto do conhecimento científico instituído. Apesar da necessária revisão crítica de suas propostas para o momento atual é preciso situar as suas obras dentro de um espaço tempo.

Compreende-se também que as novas propostas não trazem uma novidade histórica excepcional. Na verdade ocorre muito mais um mito da renovação, como afirma Gomes (2009). Assim, o que ocorre são balanços teóricos metodológicos, revisões de categorias, releituras do objeto da Geografia, que tem uma importância fundamental para revigorar as análises. Há uma superação, sem, contudo abandonar por completo o passado. O passado e o presente estão juntos, imbricados no processo de reformulação. Nesse sentido, as obras clássicas ainda apresentam sua relevância teórico-metodológica.

Desta forma, todas as propostas têm seus limites, justamente por não dar conta da realidade total do mundo. Os clássicos não tinham o estatuto da verdade, tampouco, filiações teórico-metodológicas contemporâneas. O debate, o diálogo continua sendo pertinente entre as varias vertentes da Geografia, pois enriquecem as mesmas. Acredita-se que as propostas que tentam se constituir como hegemônicas apresentam seus pontos tênues. O geógrafo deve realizar escolhas, a filiação, a adesão a uma corrente da Geografia esta relacionada não apenas ao entendimento de que tal método responde melhor aos problemas do espaço geográfico, mas a visão de mundo que carrega, o método é também um modo de ver e existir no mundo.

A Geografia moderna apresentava fragilidades, contudo, as novas tendências, como a dita Geografia pós-moderna não trazem a mesma problemática? Assim, especificamente no Brasil, é necessário continuar alimentando o processo antropofágico, que reconstrói as categorias importadas para dar conta da realidade nacional. Não se quer aqui defender uma Geografia brasileira, esse debate fica para outro momento. Entende-se apenas que as ideias não tem lugar e nem donos, elas são um produto social, tal como o conhecimento. Construir uma análise que olhe o local e o global dentro de uma mesma totalidade espacial implica este processo dialógico, está é a atitude de abertura para o outro que deve ser alimentado dentro da Geografia.

Referências

BLACHE, Vidal de La. As características próprias da geografia. *In*: CHRISTOFOLETTI, A (org.). **Perspectivas da geografia**. 2 ed. São Paulo: Difel, 1985. 37-48 p.

CARLOS, Ana Fani A. A Geografia Brasileira, hoje: algumas reflexões. **Terra Livre**, São Paulo, V.I, ano18, p. 161-178, jan./jun.2002.

DOSSE, François. A convidada de última hora: a geografia desperta para a epistemologia. *In: História do estruturalismo*. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. Campinas, SP: Unicamp, 1993. 2 v. 347-360 p.

GEORGE, Pierre. **Os Métodos da geografia**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Difel, 1978. 7-46 p.

_____. Problemas, doutrina e método. *In: A geografia ativa*. 5 ed. São Paulo: Difel, 1980. 9-40 p.

GOMES, Paulo Cesar da C. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. *In: MENDONÇA, Francisco e outros. Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009. 13-30 p.

_____. O horizonte humanista. *In: Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 304-338 p.

LENCIONI, Sandra. A geografia como ciência e a região como objeto de estudo. *In: Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 2003. 73-118 p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia pequena historia critica**. São Paulo: anablume, 2003. 130 p.

MOREIRA, Ruy. Epistemologia. *In: Pensar e ser em geografia*. São Paulo: contexto, 2007. 81-130 p.

_____. Vidal de La Blache: civilização e contingência em princípios de geografia humana. *In: O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias*. São Paulo: contexto, 2008. 63-74 p.

RATZEL, F. **Geografia do Homem (Antropogeografia)**. *In: MORAES, Antonio C.R. (Org.)*. Tradução: Fátima Murad e Denise Bottman. São Paulo: Ática, 1990. 32-107 p.

RECLUS, Elisée. A natureza da geografia. *In: ANDRADE, Manoel C. (Org.)*. **Geografia**. Tradução: Maria C. França, Januario F. Megale e B.F. Ramiz Galvão. São Paulo: Atica, 1985. 7-60 p.

SORRE, Max. **A sociabilidade e o meio geográfico**. *In: MEGALE, J.F. (Org.)*. São Paulo: Ática, 1984. 156-185 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In: CASTRO, Ina Elias de. (orgs) et. al. Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. 78-116 p.

VITTE, Antonio Carlos. Da metafísica da natureza à gênese da geografia física moderna. *In: VITTE, A. C. (Org.). Contribuições à história e à epistemologia da geografia.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 11-46 p.

Recebido para publicação em fevereiro de 2014
Aprovado para publicação em abril de 2014